

“A Casa tá cheia!”: alguns significados da Praça Dona Mocinha

LUIZ ALBERTO DOS SANTOS FERREIRA¹

ALEXANDRE KUNSLER²

JOSÉ GERALDO SOARES DAMICO³

RESUMO

A praça pública tem destaque em bairros populares, onde a comunidade carece de alternativas de lazer, compreendendo a praça como um lugar potencial para o desenvolvimento das atividades esportivas, das festas do bairro e da formação de redes de sociabilidade. O presente trabalho tem por objetivo analisar como se estabelece algumas formas de utilização da Praça Dona Mocinha, bairro Niterói em Canoas/RS e quais significações deste lugar são atribuídas pelos/as frequentadores/as. Na pesquisa de campo utilizamos o método etnográfico. Percebemos que a praça reflete a dinâmica da cidade como território de conflitos e de sociabilidades.

Palavras-chave: Etnografia, espaço público, sociabilidade, reciprocidade, honra.

ABSTRACT

The public square has prominence in popular quarters, where the community lacks of leisure alternatives, understanding the square as a potential place for the development of the sports activities, of the parties of the quarter and the formation of sociability nets. The present work has for objective to analyze as if it establishes some

¹ Acadêmico do Curso de Educação Física/ULBRA – Bolsista Rede Cedes

³ Professor – Orientador do Curso de Educação Física/ULBRA (zdamico@yahoo.com.br)

² Acadêmico do Curso de Educação Física/ULBRA – Bolsista Rede Cedes

forms of use of the Square Dona Mocinha, Niterói quarter in Canoas/RS and which significances users of this place are attributed. In the field research we use the method. We perceive that the square reflects the dynamics of the city as territory of conflicts and sociability's.

Key words: *Ethnographical research, public space, sociability, reciprocity, honor.*

INTRODUÇÃO

A discussão em torno da importância dos espaços públicos de lazer em grandes cidades e principalmente em zonas de periferia urbana tem levado uma série de estudos a investigar esta temática. Este tipo de espaço, a praça pública, tem seu destaque potencializado em bairros populares, onde a comunidade carece de alternativas de lazer, vendo então a praça como um lugar em potencial para o desenvolvimento das atividades esportivas, das festas do bairro e, além disso, como terreno fértil para construção de redes de sociabilidade.

No entanto, alguns discursos da mídia destacam o caráter marginal da praça pública, caracterizando-a como espaço livre para o consumo e venda de drogas, para prática de assaltos e como ponto freqüente de prostituição, projetando um olhar estigmatizado e contribuindo desta forma para a adoção de políticas de “cercamento” dos espaços, acreditando reduzir assim a depredação e a criminalidade. Entendemos que estes discursos correntes não colaboram para uma compreensão das relações complexas que se estabelecem nestes locais. É neste sentido, que o olhar deste estudo se dirige para captar a visão dos usuários cotidianos da praça e a partir daí, buscar entender qual o significado dela para a comunidade.

Conforme Almeida e Tracy (2003), o debate a respeito da espacialidade tornou-se estratégico para a compreensão das questões centrais das Ciências Sociais contemporâneas.

Segundo as autoras:

Surgiu, assim, na última década, uma nova “geografia cultural”, estruturada em torno de diferentes parâmetros teóricos, sendo que, as noções de *lugar* e *espaço* não envolvem séries de relações fora da sociedade, mas estão implicadas na própria produção das relações sociais e são, em si mesmas, socialmente produzidas. (ALMEIDA e TRACY, 2003, p.25).

Do ponto de vista conceitual, De Certeau (1994), estabelece a diferenciação entre *lugar* e *espaço*, para este autor, *lugar* é a ordem segundo a qual, diferentes elementos, que compõem materialmente a realidade organizam-se uns em relação aos outros, segundo eixos precisos (ordenadas e coordenadas), abarcando “uma configuração instantânea de posições” e “implicando uma indicação de estabilidade”. Por outro lado, o *espaço* não possui unicidade e estabilidade apontadas anteriormente, ao contrario, “existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável no tempo”. O espaço é construído pelo cruzamento de móveis, sejam eles corpos ou fragmentos e é “animado pelo conjunto dos movimentos que ai se desdobram” (DE CERTEAU, 1994).

Considerando o processo de apropriação encontrado em nosso campo de estudo, a Praça Dona Mocinha, localizada no bairro Niterói em Canoas/RS, a ênfase do trabalho não está na praça como *lugar*, mas como um *espaço vivido*. (DE CERTEAU, 1994).

Neste sentido, o objetivo deste artigo se apresenta como um desafio, descrever o cotidiano da Praça Dona Mocinha, numa perspectiva de inserção no ambiente de estudo, compreendendo-o por dentro e a partir disto, entender qual significado os usuários atribuem ao espaço e quais as relações que estabelecem nele, isto dentro dos grupos sociais regulares e também nas negociações com outros grupos e usuários.

METODOLOGIA

A pesquisa não surge do acaso, ela é um recorte de um projeto mais amplo intitulado Espaços Esportivos de Lazer e Sociabilidade Cotidiana: Um Estudo Etnográfico, desenvolvido em parceria pela UNISINOS, ULBRA e UFSM, que tem como objetivo principal verificar de que maneira estes espaços públicos estão sendo apropriados e utilizados pela população nas cidades de São Leopoldo, Canoas e Santa Maria.

A escolha metodológica recai na Etnografia Interpretativa, que na tradição das Ciências Sociais, especialmente na Antropologia, possui o intuito de romper com o paradigma Positivista, principalmente na busca de uma visão objetiva da realidade.

Nesta perspectiva, Geertz (1978) aponta para Max Weber:

Acreditando que o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu, assumindo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como ciência interpretativa, à procura de significado. (GEERTZ, 1978, p.15)

O autor define a etnografia como um tipo de esforço intelectual com o objetivo de elaborar uma “descrição densa”. O antropólogo afirma que:

O que o etnógrafo enfrenta, (...) é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. (GEERTZ, 1978, p.20).

Este método qualitativo de pesquisa científica utiliza-se de duas ferramentas fundamentais para captação do material empírico, o diário de campo e a observação participante.

Segundo Fonseca (1999, p.63), “é no intuito de descobrir a relação sistêmica entre diferentes elementos da vida social que os etnógrafos abraçam a observação participante – para tentar dar conta da totalidade do sistema”. Desta forma, o pesquisador se insere na cultura do “nativo”, porém, optamos na construção textual, por substituir o termo objeto de pesquisa por sujeito, na medida em que nossos informantes não são materiais manipuláveis (ou pelo menos não deveriam ser) são pessoas de carne e osso, inseridas num determinado contexto, onde as influencias sociais vem de todos os lados. A abordagem etnográfica exige uma atenção especial a outras linguagens que algumas técnicas têm mais dificuldade em alcançar.

Ao cruzar discursos de sujeitos sobre a mesma realidade, constrói-se a tessitura da vida social em que todo o valor, emoção ou atitude que está inscrita. (FONSECA, 1999). É fundamental neste sentido, estabelecer um olhar sutil sobre os acontecimentos do cotidiano da praça, a primeira vista insignificantes como os jogos das crianças,

as “lutinhas” dos jovens e as brincadeiras ditas de mau gosto, tornando-se extremamente importantes e passíveis de interpretação, podendo revelar algo sobre os valores do grupo. (FONSECA, 1999). Quanto ao diário de campo, Geertz (1978) diz que o etnógrafo “inscreve” o discurso social: *ele o anota*. Ao fazê-lo ele o transforma de acontecimento passado, que existe em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente.

Mesmo depois da discussão metodológica uma pergunta permanece, porque a escolha do campo de estudo nos levou até a Praça Dona Mocinha? Neste momento a intenção do grupo era de escolher espaços que tivessem características diferentes em bairros diferentes dentro da cidade de Canoas/RS, demonstrando as diversas apropriações e manifestações que se desenvolvem nestes “*espaços vividos*”. Eis que a Praça Dona Mocinha surge preenchendo estes requisitos, caracterizando-se como um dos epicentros do bairro Niterói, o espaço é a única praça pública do bairro e uma das poucas opções para o lazer gratuito num dos bairros mais antigos e populosos da cidade de Canoas. As primeiras visitas ao campo foram no mês de março de 2008, onde houve uma primeira aproximação para o reconhecimento do espaço e se estenderam até dezembro de 2008, somando um total de 20 visitas ao espaço, sendo que uma foi filmada.

A inserção no campo tinha um objetivo inicial, olhar o cotidiano da praça e buscar regularidades quanto aos tipos de apropriações que os grupos de usuários constroem no espaço. Um dos aspectos que mais chamou a atenção neste período inicial de pesquisa foi perceber o intenso trânsito de pessoas que circulavam pelo ambiente, algumas delas apenas passando em direção a estação do trem que fica bem próxima, outras se reuniam em grupos e sentavam nos bancos espalhados pelo local, identi-

ficando uma grande quantidade de jovens organizados em pequenos círculos e um outro grupo de senhoras que se localiza próximo ao banheiro da praça, além de constantes encontros de vizinhos, amigos e parentes, estes primeiros contatos se caracterizam por uma intensa negociação quanto a minha presença em relação aos “nativos” da região.

No movimento de aprofundar o olhar nos arredores do espaço percebo a presença de alguns poderes devidamente representados, relato da seguinte forma no diário de campo “*Reforço à idéia da importância do local onde a praça foi construída, de um lado temos a Escola Augusto Severo, do lado oposto a Delegacia da Polícia Civil e uma série de comércios e nas duas laterais, de um lado a Igreja Católica de São Paulo e do outro uma sede da Igreja Universal do Reino de Deus, isto sem esquecer a casa de um dos candidatos a prefeito da cidade (que veio a ser eleito) e em meio a isto tudo a Praça Dona Mocinha*” (Diário de Campo 09/05/08). Sendo assim, a praça encontra-se numa posição estratégica, no centro do bairro, proporcionando uma série de encontros, fazendo com que a praça permaneça ocupada por quase todo o dia.

As palavras de Jacobs destacam a importância de se pensar no lugar onde os parques e praças são construídos, “(...) um parque de bairro genérico, que esteja preso a qualquer inércia funcional em seu entorno, fica inexoravelmente vazio por boa parte do dia (...) a agonia é enfadonha, repele a vida” (JACOBS, 1995, p.108).

A experiência no campo, não permite entender a Praça Dona Mocinha nesta lógica, podemos estabelecer uma outra perspectiva sobre o espaço:

Quanto mais à cidade conseguir mesclar a diversidade de usos e usuários do dia-a-dia nas ruas, mais a população conseguirá animar e sustentar com sucesso e naturalidade os

parques bem localizados, que assim poderão dar em troca à vizinhança prazer e alegria, em vez de sensação de vazio (JACOBS, 1995, p.121).

Desta forma, após diversas visitas, pude identificar dois grupos de sociabilidade regular, “*As Senhoras do Banheiro*” e o “*Bonde dos Arrogant’s*”, estes dois núcleos de interação tornam-se a partir de então o foco do olhar sobre as sociabilidades da praça.

Segundo Simmel (1983) a própria sociedade em geral se refere à interação entre indivíduos:

(...) historicamente as pessoas se relacionam com interesses, de comércio, conflitos, por impulsos religiosos, porém quando retiramos o conteúdo destas relações elas, as formas, tornam-se autônomas, ganham vida própria, com a finalidade e com a matéria de sua própria existência. O “impulso de sociabilidade” extrai das realidades da vida social o puro processo da socialização como um valor apreciado, e através disso constitui a sociabilidade no sentido estrito da palavra (SIMMEL, 1983, p. 165).

Estes encontros desenvolvem um sentimento entre os membros e como tal é um valor, sem atritos com a realidade, de riqueza simbólica e lúdica, pelo sucesso do momento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Relações de Reciprocidade

Os encontros dos grupos da praça de alguma forma ilustram esta dinâmica, como segue neste trecho de um diário de campo “*Foi interessante observar que*

*mais uma vez quando cheguei à praça uma concentração de mulheres se localizava ao redor do banheiro onde trabalha a zeladora, esta conversa se estende a ponto de as mulheres entrarem na salinha da zeladora” (Diário de Campo, 30/04/08). Ao perceber em especial aquela apropriação do território em frente ao banheiro da praça, caracterizado pelo movimento regular de senhoras que se reuniam conversavam durante longos períodos das tardes, que começou a chamar a minha atenção. Acabei por batizar o grupo com o nome de “*Senhoras do Banheiro*”, pode parecer estranho, porém foi o que fez mais sentido naquele momento. Com o passar dos dias, pude visualizar com mais nitidez e reconhecer algumas das senhoras que compunham aquele grupo, o que me motivou a tentar finalmente minha inserção nele.*

Dias depois, tomo a iniciativa e me apresento para uma das figuras mais representativas da praça, realmente uma protagonista daquela realidade, “*Segundo Dona Iolanda, funcionária pública há 34 anos, iniciou seu trabalho na Praça Dona Mocinha em 1977, ou seja, seu vínculo com o espaço tem 31 anos, neste momento fiquei tão surpreendido, que me faltaram palavras para tecer um comentário, simplesmente fiquei pasmo e mudo (Diário de Campo, 09/05/08).*

A partir deste dia, tive a feliz oportunidade de partilhar algumas tardes ensolaradas na presença de Dona Iolanda e das outras senhoras que compõem o grupo, fato este, que me exigiu por diversas vezes jogo de cintura e uma intensa capacidade de negociação, principalmente naqueles momentos em que a conversa não fluía. Como no dia em que “*percebo que a tarefa não será fácil, visto que por vezes o diálogo com ela se estabelece de forma confusa. Ao me aproximar de Dona Iolanda, minha primeira atitude é cumprimentá-la, “Olá Dona Iolanda! Tudo Bem?”, ela tricotando de cabeça baixa apenas me dá um sorriso sem graça, parece que nem me reconheceu, confesso que fiquei com uma sensação estranha, sentindo um quase desprezo, porém*

percebo que para entrar no conceito de alguém de esta á mais de 30 anos num determinado espaço estas poucas aproximações ainda são insuficientes (Diário de Campo, 03/07/08). E a situação naquele dia ainda ficou mais crítica, “Vou falar com meu chefe que tu tá fazendo uma pesquisa aqui, derrepente eu falo alguma besteira...” (Diário de Campo, 03/07/08).

Passados alguns encontros, o dia 09/07/08 teve o significado de servir para mim como senha de entrada no universo daquelas senhoras, que ainda se constituíam em um dilema para o aprendiz a pesquisador, e por outro lado me apresentou um pouco do significado daquele espaço nas vidas das senhoras da Praça Dona Mocinha. Descubro então que a fiel companheira de Dona Iolanda chama-se Isabel, ela destaca a importância da praça, pois “Todo mundo vai pra lá”, ainda completou dizendo que “É o melhor lugar do bairro”, ela em uma outra oportunidade já havia me contado que sua relação com a praça é de longa data, “a praça é como uma casa para mim...”, na medida em que sempre trouxe as crianças da família para brincar naquele local, antes o filho, depois a sobrinha e agora a filha pequena (Diário de Campo, 03/07/08).

Conheço também desta vez uma senhora negra com um casal de filhos, neste dia, Dona Iolanda reforça uma frase já dita por ela em outra oportunidade, “gosto de trabalhar perto de casa, não tenho inimigos” e pelo jeito não tem mesmo (Diário de Campo, 09/07/08).

O assunto estava interessantíssimo naquela tarde, em alguns momentos eu mesmo conduzi a conversa “puxando os papos” e elas entravam na minha “onda”. Para minha surpresa as visitas continuavam a chegar, eram elas, a cunhada de Isabel, que falava bastante era bem espontânea, e mais uma senhora que vendo o amontoado de pessoas também chegou para conversar. Ao me dar conta da situação, vejo-me rodeado de cinco senhoras e

três crianças na porta de um banheiro conversando diferentes assuntos, achei o máximo e acreditei que as coisas andavam muito bem naquele momento.

Foi durante esta discussão que me aproximei de um dos sentidos da praça, “Foi engraçada uma situação que se sucedeu por algumas vezes na entrada do banheiro feminino, as freqüentadoras da praça que queriam utilizá-lo formavam uma fila atrás das senhoras que conversavam acreditando que aquela era a fila de espera para poder utilizar os sanitários. Depois de alguns segundos, perguntavam “Esta é a fila para entrar no banheiro” e então alguém dizia, “Não...pode passa direto!”. Ilustrando esta situação, no alto de seus 31 anos de praça, Dona Iolanda lança uma frase que para mim é emblemática, ela diz “Vamos ter que aumentar a sala!”, “A casa tá cheia!” (Diário de Campo, 09/07/08). Acredito que estas palavras, juntamente com as de Isabel num momento anterior, carregam um simbolismo de tornar aquele momento e espaço dotados de um significado todo especial, afinal consideraram um banheiro e uma salinha como uma extensão da casa.

No relato de Dona Iolanda e de Dona Isabel é possível fazer uma aproximação com o Antropólogo Da Matta em seu estudo “A Casa e a Rua”, no sentido de que cada espaço possui visões de mundo e significações particulares, que constituem a própria realidade moralizando o comportamento (DA MATTA, 1984, p.53). Nesta perspectiva, a Casa, se configura como o espaço conservador, familiar, pessoal, ou seja, exatamente o contrário da rua, espaço da individualização, da luta, da malandragem, do “cada um por si”.

Da Matta (1984) segue, quando sugere Weber (1958) chamando a atenção para as “Éticas Dúplices”, sendo assim, esses espaços contêm visões de mundo particulares. Nesses sistemas, pode-se dizer

que o espaço não existe como uma dimensão social independente e individualizada, estando sempre misturado, interligado ou “embebido” em outros valores que servem para a orientação em geral (DA MATTA, 1984). Chama a atenção para o movimento percebido, a partir do discurso das senhoras, quando a Rua, ou melhor, a Praça, se transforma em Casa, dependendo do tipo de apropriação e significado que se estabelece no local.

Um outro acontecimento que apresentou um pouco das relações que se constroem dentro do grupo e que passam pela praça, construindo a história do lugar e das pessoas, foi o caso da rifa e a construção dos laços de reciprocidade, *“nosso ponto de encontro serviu naquela tarde para uma prestação de contas referente a uma rifa promovida pelo grupo de amigas. Quando chegou à praça a cunhada de Isabel trazia a mão um saco plástico contendo os números vendidos e o dinheiro arrecadado, ela fez questão de contabilizar o dinheiro na frente de Isabel e de identificar quais vizinhos tinham comprado pelo menos um número “os de fé...” e os que não servem nem para ajudar neste momento, dizia ela “Aquele senhora da casa de frente comprou duas, já aquela da cada de trás não comprou nenhuma, acredita!”, ao observar a “auditoria” realizada na praça pergunto se posso ajudar comprando um número, mas a resposta que recebo de Isabel é de que o sorteio tinha ocorrido no dia anterior, impossibilitando minha compra, pergunto então “qual é o prêmio?”, elas respondem que é um aparelho de DVD e que promoveram esta “Ação entre Amigos” para arrecadar fundos e ajudar Isabel, pois sua casa sofreu um incêndio, ela acabou perdendo tudo o que tinha e esta passando por muitas necessidades”* (Diário de Campo, 09/07/08). Devo confessar que achei este acontecimento de uma riqueza incrível, pelo fato das amigas se unirem em solidariedade a situação que Isabel enfrentava e também pelo motivo do encontro e da prestação de contas não ser realizada na casa de nenhuma delas e sim na praça.

A partir obra clássica de Mauss (1924), Ensaio Sobre a Dádiva, podemos refletir um pouco sobre o fenômeno da rifa, este livro vai fundar na visão da teoria antropológica, a chamada “teoria da troca” ou “a idéia fundamental da reciprocidade”. Desta forma, foi visto nas tribos do noroeste americano, na Melanésia, na Polinésia, que os sistemas de trocas e contratos fazem-se sob a forma de presentes, em teoria voluntários, na realidade obrigatoriamente dados e retribuídos (MAUSS, 1924). Sendo assim, ninguém tem a obrigação de adquirir a rifa, é voluntária, porém quem não compra, deixando de ajudar uma vizinha fica numa posição desconfortável, “marcada” e provavelmente não poderá contar com a ajuda da vizinhança.

Nas palavras de Mauss (1924), o mais importante nesses mecanismos, é evidentemente aquele que obriga a retribuir o presente oferecido, neste caso quem foi favorecido pela rifa fica na obrigação de retribuir a dádiva concebida, ou seja, adquirir uma rifa que favoreça quem o ajudou antes ou podendo certamente manifestar esta reciprocidade de outra forma.

O autor destaca ainda “(...) que a prestação total não implica somente a obrigação de retribuir os presentes recebidos; supõem outros dois igualmente importantes: obrigação de os dar, por um lado, obrigação de os receber, por outro (MAUSS, 1924, p.68)”.

Podemos resumir a situação da seguinte forma, a cunhada de Isabel organizou a ação e entregou a ela a Dádiva, agora Isabel tem a obrigação de aceitar, e após a obrigação de retribuir a Dádiva, não fazendo isto pode colocar em jogo sua reputação perante o grupo e terá que assumir a dívida, deixando de formar alianças e comprometendo o equilíbrio da ordem social.

Jorge Villela (2000) nos diz que:

(...) embora não seja calculista, a economia da dádiva, na recusa ao capital econômico, visa à acumulação de um capital que pode ser traduzido em riquezas de aliados, serviços, credores, enfim, do reconhecimento. Nesse sentido o capital simbólico é um crédito (VILLELA, 2000, p.198).

Não estamos aqui querendo reproduzir na forma exata a teoria de Mauss, mas mostrar como alguns elementos servem para concretizar as relações dessas senhoras, construindo laços ou redes de reciprocidade para além da praça.

Ô ...chega aí!

O segundo núcleo de sociabilidade, não menos importante, e assim como o outro repleto de significados é um grupo de jovens conhecidos como “*Bonde dos Arrogant’s*”, o meu conhecimento destes jovens se deu na primeira visita à praça, ouvindo o grito de um garoto, “ô... *chega aí! Eles disseram que vão bater nos arrogantes*”, “*quem?*” perguntou um jovem, “*aqueles pia*”, fazendo alusão aos jovens que estavam com ele, que iriam brigar com algum grupo do colégio. Todos eles aparentemente com menos de 15 anos” (Diário de Campo, 14/04/08). Neste dia nada ficou claro, mas percebi que com o passar do tempo os acontecimentos se tornavam mais visíveis. Foi conhecendo Binho, um outro personagem da praça que me aproximei do Bonde, “*Após uma breve observação das brincadeiras entre pai e filho percebo que o pai estava fumando um baseado, sem a preocupação de esconder do filho pequeno, o menino realmente não devia saber o que era aquilo, entretanto foi uma cena que me chamou a atenção. Um aspecto que me*

encorajou a ir falar com o pai foi o fato de estar com a camisa do Grêmio, pensei que poderia me aproximar comentando um pouco sobre nosso time, com o objetivo de quebrar o “gelo”, e foi justamente o que fiz” (Diário de Campo, 08/05/08).

Aparentemente, Binho não faz parte do Bonde, porém, sempre está com a galera na praça, “*Em vários momentos, falava que era vagabundo, mas não aquele tipo de vagabundo, (neste momento é difícil saber a definição utilizada), pois ele está sempre na correria e sabe que a vida é difícil, a partir daí comecei a compreender o sentido por ele utilizado, não se referindo ao vagabundo que não faz nada e nem o vagabundo ladrão, fala daquele sujeito que está na luta sempre fazendo uma correria e se virando para viver, pelo menos foi esta a sensação que tive*” (Diário de Campo, 08/05/08).

Ao elaborar suas pesquisas com grupos populares de Porto Alegre, Fonseca (2004) demonstra como o emprego assalariado costuma ser desprezado por homens e mulheres moradoras de vilas e comunidades carentes, neste sentido:

O desprezo pode ser interpretado como autodefesa, já que muitos, talvez a maioria dos moradores da vila, tenham sido, em algum momento, rechaçados com brutalidade por parte de um patrão em potencial. Para os “bons” empregos, três quartos das pessoas não têm a “boa aparência”, se chegam a ter roupas decentes, ficam-lhes as marcas indeléveis da cor da pele ou da maneira de falar (FONSECA, 2004, p.14).

Nosso informante é um jovem negro com cerca de 25 anos, ostenta um estilo típico de *Rapper*, possui um filho pequeno e atualmente não reside com a mãe da criança, revela sua malandragem falando que não perdeu tempo e já está com outra mulher,

ficando direto na casa dela, “Contou sobre um rapaz que foi até a casa da mina dele vender uma TV de 20 polegadas, pedindo 100 reais pelo aparelho, pois estava na fissura (acredito que ele tenha se referido ao crack), após a negociação Binho conseguiu tirar por “50 conto” e concluiu que a partir de então e principalmente no inverno tem passado mais tempo em casa” (Diário de Campo, 08/05/08). E desta maneira ele vai se virando, na medida em que não possui emprego com carteira, tem que se desdobrar realizando negócios e pequenos bicos para ganhar o dia, o que lhe exige passar diversas vezes voando pela praça:

“Viver dez horas por dia na evocação constante de sua inferioridade em nada contribui para enaltecer a própria imagem, e o salário, realmente irrisório, não compensa a falta de satisfação pessoal. A resposta coletiva a essa situação é de denegrir os empregos denegridores e valorizar qualquer ganha-pão, desde que não apóie a hierarquia social convencional subordinado às classes dominantes” (FONSECA, 2004, p.14).

Senti facilidade de conversar com Binho, pois foi muito receptivo, “além de dizer que eu deveria me entrosar com a gurizada para conhecer bem o local. Perguntei algumas coisas sobre a praça e ele destacou que a galera da zona sempre chega ali para fumar um baseado e tomar uma “bira”, geralmente na noite e que sempre tem umas minas e pá! (realmente ele não perdia a oportunidade de mexer com as “minas” que passavam por ali). Disse também que a gurizada se “junta” para fazer um esporte, futebol ou basquete, durante as madrugadas.” (Diário de Campo, 08/05/08).

Nesse encontro, Binho tinha prometido me apresentar para a galera da praça, semanas depois o encontro aconteceu “os gurus estavam sentados em um banco, Binho me apresentou, sentei e comecei a ouvir as conversas, até que perguntei,” Para que serve

a praça?” eles responderam, “para fumar e para ver as minas” e em seguida, “para as crianças, para fazer esporte também...” (Diário de Campo, 15/07/08). Em outro momento, um dos jovens apelidado de Dudu, comentou sobre a briga que tinha acontecido na praça contra os jovens do bairro Rio Branco, situado do outro lado da linha do trem, segundo ele, “os caras entraram na praça de madrugada, eu (Dudu) estava com outro cara... eles vieram correndo nos pegar e deram uma tijolada que acertou o telhado do banheiro, eu não pude brigar porque estava com a perna machucada, tive que fugir mancando...” (Diário de Campo, 15/07/08).

Esta história foi suficiente para o resto do grupo começar a ironizar a sua atitude, dizendo que ele fugiu da briga, ou melhor, “arregou” o jovem se viu obrigado então a recuperar a honra, lembrando que em outro dia, fizeram um guri do bairro Rio Branco correr até pular a linha do trem.

Desvendando um pouco este acontecimento, podemos perceber nos discursos, o sentido de pertencimento e de valorização do espaço, pois a praça aparece como o terreno onde por vezes esses encontros acontecem.

Um outro jovem continua destacando os conflitos, “os Rio Branco não colam muito aqui, é por causa do bonde, se eles vem para cá pode dar tumulto, mas é com qualquer galera de longe, porque aqui todo mundo anda junto. Eles podem vir, mas acaba dando atrito...” (Diário de Campo, 20/08/08). Enquanto isto, um rapaz portador de uma tatuagem, aparece mostrando o desenho em seu braço, enquanto que os outros fazem alguns comentários sobre o significado, “OBL é quente, quem sabe, sabe... é uma família, não é facção... é só pra quem é, não é pra quem quer ser... é segredo que nem Deus sabe, mas não é briga, a gente pega as minas dos outros é já era, paz e amor...hahaha” (Diário de Campo, 20/08/08). Desta forma vão se construindo diferentes grupos,

com diferentes siglas, onde os significados e as condutas são reconhecidos apenas pelos jovens que fazem parte do bonde. Nesta discussão, Fonseca (2004) nos mostra, “que a tática dos jovens para projetar uma imagem pública de prestígio apoiasse na bravura, na virilidade. Bravura significa a coragem necessária para matar um adversário à sua altura, para ajudar os camaradas em perigo, para resistir às torturas da polícia. A virilidade manifesta-se pela conquista sexual das mulheres” (FONSECA, 2004, p.19). A violência entre os bondes, se constitui como arma mais ou menos aceita (ou pelo menos esperada) para a resolução dos conflitos e, nesse sentido, podemos dizer que a força física é um elemento importante na organização de alguns jovens.

Existe ali um código de honra que em alguns pontos nos aproxima dos “*aguantes*”, torcedores de futebol argentinos, que em estudos realizados por Alabarces, Garriga Zucal e Moreira (2008):

(...) constituye un complejo sistema de honor y prestigio que valora positivamente la valentía, el coraje, la bravura y el arrojo en un enfrentamiento físico(...) las acciones violentas, lejos de ser rechazadas y penalizadas, son acciones legítimas, deseadas y buscadas que funcionan como signos de reconocimiento y distinción. (ALABARCES, GARRIGA ZUCAL e MOREIRA, 2008, p.113).

Desta forma, no sistema de valores do grupo, a honra se caracteriza como um elemento fundamental no enfrentamento com outros bondes, quem apanha em um confronto, ou pior ainda, quem foge de uma briga fica taxado de covarde, sendo posicionado na base de uma escala de hierarquias. Nesta lógica, as façanhas e a coragem desempenham um papel fundamental, “*Aqui é nossa área, na última festa, até roubaram o boné do Jean Paul!, hahaha*” (Diário de Campo, 20/08/08).

No que diz respeito à honra, Pitt-Rivers menciona (1980):

Em cada sociedade, em cada momento dado, a honra toma aspectos distintos em relação às formas de vida e o sistema intelectual de cada cultura, que permite expressar a aprovação e a desaprovação de condutas e formas de pensar (PITT-RIVERS, 1980, p. 101).

Longe de enquadrar estes grupos juvenis na perspectiva da delinqüência, é possível perceber um código moral que organiza as condutas dos jovens com a valorização das aventuras e dos confrontos conta outros bondes. Assim, as posições e os papéis são negociados cotidianamente nos encontros realizados na praça, principalmente após os dias de *corneria*, quando acontecem os conflitos. Não se trata de aprovar a violência, trata-se de reconhecê-la e saber lidar com ela.

Além do confronto físico, existe também uma rede de significados que destaca uma espécie de violência simbólica caracterizada pela pichação, ela aparece marcando as zonas de atuação de cada bonde.

Estamos diante de limites territoriais simbólicos:

(...) nas rixas entre grupos (bondes), ocorre uma demarcação territorial que impacta de forma importante a mobilidade dos jovens na região. Essa demarcação é como se fosse uma maneira de fortalecer o poder local, e ao mesmo tempo essas relações de poder acabam limitando o acesso a espaços de lazer de modo que é “proibido” invadir o espaço do outro (ROSA, 2007, p 21).

Neste contexto, um desafio se constrói, invadir o espaço dos “outros” e deixar uma marca, ou seja, uma pichação na praça. Podemos constatar isto nas paredes do banheiro da Praça Dona Mocinha,

repleta de símbolos de “outras galeras” que invadem o Niterói pela noite para deixar seu marca. Segue o trecho do discurso de um jovem, “*Arrogant’s é uma família unida, picha ai ARGTS... vocês vão me ver ai mais além... ARGTS de Canoas, Niterói*” (Diário de Campo, 20/08/08).

Analisando o discurso dos jovens na compreensão do significado da praça, avançamos neste sentido em Magnani (1984), destacando o *pedaço* como aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla do que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável do que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade.

O Pedaço remete a um território que funciona como ponto de referência e, no caso da vida no bairro, evoca a permanência de laços de família, vizinhança, origem e outros (MAGNANI, 1984).

Entendemos que a violência na praça, a presença do Bonde e os limites simbólicos, são fenômenos oriundos de um processo sócio-histórico e cultural. Estas manifestações se mostravam no bairro e na praça na década de 50, já nesta época Niterói começou a perder a confiança característica dos pequenos lugares, e seu perfil de bairro operário estigmatizava-se pela fama de local violento (PENNA, 1995). Como também destaca uma antiga moradora “*hoje nem temos mais espaços para acolher esses jovens. Isso precisaria existir. Parece que não existindo esse tipo de grupo surgem outros que estão sendo batizados com o nome de gangues da praça*” (PENNA, 1995).

A praça segue então a dinâmica da cidade e as contradições da nossa sociedade, um espaço de disputas e significados, de enfrentamentos e lutas, mas também de soluções e solidariedade. Destacamos a importância da Praça Dona Mocinha para a

comunidade do bairro Niterói, entendemos que ela faz parte da história da cidade e principalmente das pessoas, dotada dos mais diversos significados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.I.M.; TRACY, K.M.A. **Noites nômades**: espaços e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

DA MATTA, R. **A casa e a rua**. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Guanabara, 1984.

DE CERTEAU, M. **A Invenção do cotidiano**. Tomo 1: Antes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

FONSECA, C. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso. **Revista Brasileira de Educação**, n.10, [n.p.], jan./abr. 1999.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**, 1995.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. [s.l.], Edições 70, 1924.

PENNA, R. (Org.). **Para lembrar quem somos**.

Canoas: Centro Educacional La Salle de Ensino Superior, 1995.

PITT-RIVERS, J. **Antropología del honor o política de los sexos**. Barcelona: Editorial Crítica, 1980.

ROSA, C.N. **Um bom lugar se constrói com humildade**: aspectos sócio-antropológicos entre violência e educação. Canoas, 2007.

SIMMEL, G. **Coleção grandes cientistas sociais**. [s.l.], Ed. Ática, 1983.

VILLELA, J.L.M. A dívida e a diferença. Reflexões a respeito da reciprocidade. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v.44, n. 1, [n.p.], 2001.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1958.